

POTENCIALIDADES E LIMITES DE UMA PROPOSTA ALTERNATIVA DE ESTUDO DO ESPORTE NA FORMAÇÃO SUPERIOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA: OLHARES DE PROFESSORES E ACADÊMICOS

Fernando Jaime González
Doutorando do PPGCMH/UFRGS, Unijuí

RESUMO

Em 2001, o Curso de Educação Física da Unijuí, como parte de um novo projeto curricular, implementou uma forma alternativa de estudar o esporte quando comparada com as formas tradicionais de tratar o tema na educação superior em educação física. Neste artigo, são apresentados olhares de professores e acadêmicos sobre as potencialidades, os limites e os desafios suscitados por esse projeto.

ABSTRACT

In the year of 2001 the graduation course in Physical Education of the Unijuí, like part of a new curricular project, implemented an alternative form of studying the sport, when compared with the traditional form of treating the topic in the superior education in physical education. In this text the teachers' opinions and students are introduced in relation to the potentialities, the limits and the challenges interposed by that proposal.

RESUMEN

En el año de 2001 el curso de Educación Física de la Unijuí, como parte de un nuevo proyecto curricular, implementó una forma alternativa de estudiar el deporte, cuando comparada con la forma tradicional de tratar el tema en la educación superior en educación física. En este texto son presentadas las opiniones de profesores y estudiantes en relación a las potencialidades, los límites y los desafíos interpuestos por esa propuesta.

Em 2001, o Curso de Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado de Rio Grande do Sul – Unijuí – implementou um novo projeto curricular¹. Entre as diversas ações de inovação o projeto incorporou uma proposta alternativa de tematizar as práticas esportivas, comparada com as formas tradicionais de tratar o estudo do esporte nas instituições de educação superior em educação física (EF) (DAOLIO, 1998; FERREIRA, 1998; MOLINA NETO, 1995; OLIVEIRA, 1989; PIRES e NEVES, 2002; PIROLO, 1997; TERRA, 1997).

Destaco aqui duas características que diferenciam essa proposta curricular. Primeira, o fato de que o trato do esporte é pensado como um campo de estudo (um conjunto de disciplinas inter-relacionadas) e não como uma justaposição de disciplinas isoladas que se desenvolvem ao longo do curso. Segundo, o eixo central de articulação desse campo de estudo é o *processo de mediação* que o profissional de EF realiza para propiciar as condições necessárias que permitam a seus alunos se introduzirem e se integrarem ao universo do esporte de forma lúcida e ativa², procurando formar cidadãos que vão produzi-lo, reproduzi-lo, transformá-lo (BETTI, 1998, p. 19)³.

¹ Detalhes sobre o contexto em que se produziram as modificações curriculares se encontram num texto já publicado (González, 2005).

² Entendemos que esse propósito se estende a todas as manifestações da cultura corporal; porém, como este artigo se refere particularmente ao esporte, restringimos a análise a esse aspecto.

³ Detalhes sobre os itens campo de estudo e *processo de mediação* se encontram num outro texto publicado (González, 2004)

Neste contexto, partimos do pressuposto que o processo de mediação é atravessado por diversos elementos, que os acadêmicos devem compreender para poder intervir do ponto de vista político e técnico. Entre esses elementos destaca-se:

- a) o próprio fenômeno cultural objeto de conhecimento: *o esporte*;
- b) os sujeitos da aprendizagem;
- c) os procedimentos de organização e condução dos processos de mediação;
- d) os valores sociais que inevitavelmente atravessam o processo de mediação, orientam os programas de ensino e as relações intersubjetivas que acontecem entre os membros do grupo que compartilha esse processo;
- e) as instituições em que se dá este processo de mediação, ou seja, as organizações sociais que instituem e dão espaço para o ensino do esporte e os diferentes atores que participam da organização;
- f) o contexto histórico-social que envolve tanto o fenômeno esportivo como os outros elementos já descritos (GONZÁLEZ, 2004, p. 219)

Assim, entende-se que uma proposta que estuda o esporte num programa de formação superior em EF deve oportunizar a seus acadêmicos o conhecimento sobre esse conjunto de aspectos. Vale ressaltar, que se isto não lhes é possibilitado, a compreensão do processo de ensino-aprendizagem do esporte fica seriamente comprometida.

Nestes termos, a proposta de ensino dos esportes da Unijuí foi pensada levando em conta, para além dos pontos antes mencionados (campo de estudo e processo de mediação), mais três aspectos:

- a), centrar os estudos nos elementos universais do esporte (PARLEBAS, 1988 e 2001) e não nos elementos particulares das modalidades; b) utilizar, como estratégias fundamentais na formação a pesquisa, as experiências de prática de ensino e as práticas motoras pautadas pela idéia de laboratório de aprendizagem (GONZALEZ, 1999; TANI, s/d) e não por práticas motoras orientadas para a formação do praticante-reprodutor; c), formar o futuro professor para lidar com um fenômeno social extremamente dinâmico, diverso, complexo e contraditório e não instrumentalizá-lo exclusivamente para trabalhar com um número restrito de modalidades⁴ como se fossem fixas e imutáveis (GONZÁLEZ, 2004, p. 220-221).

Operacionalmente, no projeto do curso de 2001, o espaço curricular se organizou em onze disciplinas, distribuídas do primeiro ao quinto semestres, acumulando um total de 32 créditos ou 480 horas, e dividido nos seguintes temas de estudos: a) estrutura dos esportes; b) metodologia do ensino; c) pedagogia do esporte; d) etapas da formação esportiva; e) planejamento da formação esportiva; f) elementos psicossociais e g) elementos histórico-sociais.

Cada um dos componentes curriculares, no momento em que tematiza os conteúdos o faz utilizando determinadas modalidades esportivas, que servem como referências dos assuntos estudados. As tematizações desses esportes têm o propósito de estabelecer vínculos, com o conjunto das modalidades esportivas (com base na lógica interna e externa das mesmas), possibilitando aos acadêmicos abstraírem e operarem conceitos e, assim, poder transferi-los para mediar no processo de aprendizagem de qualquer prática esportiva, particularmente naquelas que não serão abordadas na universidade.

No primeiro semestre de 2005, foi concluída a primeira oferta completa dos componentes curriculares correspondentes à proposta implementada em 2001, e, neste contexto, se desenvolveu uma pesquisa avaliativa para perceber a leitura que os diferentes protagonistas desse projeto tinham sobre o mesmo. Com base nessa pesquisa, apresentamos neste artigo

⁴ Basquetebol, voleibol, handebol, atletismo, natação, futebol, futsal, ginástica rítmica e ginástica artística, como acontece em muitos dos cursos de formação profissional (DA COSTA, 1999).

diversos olhares de professores e acadêmicos sobre as potencialidades, os limites e os desafios suscitados por este projeto.

Metodologicamente, operamos da seguinte forma: durante o primeiro semestre de 2005 foi entrevistada a praticamente a totalidade dos professores que trabalham nesta área de estudo no Campus de Ijuí⁵, mais dez acadêmicos selecionados pelos seguintes critérios: a) acadêmicos da primeira turma do novo currículo, b) acadêmicos que, por situações pessoais, cursaram uma parte de sua formação no currículo antigo e outra no currículo novo, c) acadêmicos que concluíram as disciplinas do campo do estudo do esporte, e d) acadêmicos que se transferiram de outro campus para Ijuí.

Atendendo aos limites de extensão deste texto, foram aqui, privilegiadas as falas de dois professores e três acadêmicos, representando as idéias mais recorrentes da totalidade dos entrevistados. Do mesmo modo, optou por fazer a apresentação dos resultados com base em três categorias iniciais, representadas pelas perguntas: a) *Alguma coisa mudou?* b) *Vale a pena continuar apostando nesta proposta?* c) *O que fazer para melhorar?*

ALGUMA COISA MUDOU?

Quando discutíamos a proposta de ensino dos esportes para o projeto curricular de 2001, apontávamos que um dos maiores riscos na implementação era a possibilidade de entender que apenas um novo modelo curricular fosse suficiente para mudar o tratamento do esporte e não uma transformação radical nos modos de conduzir os processos de ensino-aprendizagem-estudo nos componentes curriculares que tematizam o assunto. Tinha-se clareza de que apenas a proposição de um novo modelo não garantiria novas práticas e, também, de que só um esforço coletivo de ressignificação dentro desta perspectiva poderia proporcionar uma possibilidade real de mudança.

Afirmamos, com certo pessimismo, que existia a possibilidade de nos “auto-enganar”, de fazer apenas um “aggiornamento”, apenas uma mudança de nomenclatura ou mera realocação de disciplinas dentro da semestralidade. Sabíamos que seria bastante simples retornar à rotina, particularmente quando tudo tinha que ser reinventado.

Quando consideramos o olhar dos professores, as respostas à pergunta *Alguma coisa mudou?* poderiam ser sintetizadas na expressão: “*Mudou, mais ou menos*”. Percebe-se que os professores participantes da entrevistas reconhecem na proposta (não na implantação) elementos inovadores e, em dado momento, positivos. No entendimento dos docentes, a proposta tem uma nova dimensão que permitiria rupturas, não imaginadas há alguns anos atrás, com a forma tradicional de trabalhar as disciplinas esportivas na universidade, particularmente quando as referências são seus próprios processos de formação inicial (a maioria nas décadas de 70 e 80). O Professor 2 comenta a este respeito:

uma mudança básica pra nós foi essa nova dimensão, ou reestruturação, começando num primeiro momento pelo nome das disciplinas. Nesse momento foi um choque até pra nós. Tentar ver a prática esportiva, tentando descaracterizar a *modalidade*⁶ A, a *modalidade* B. Ver numa outra dimensão [...] aspectos metodológicos, a história dos esportes, a questão do planejamento da formação, a dimensão sócio-histórica e assim por diante. Eu acho que isso qualificou muito o nosso curso particularmente conhecendo as outras instituições [de ensino superior em EF]

⁵ A Unijuí tem outros campi, um deles na cidade de Santa Rosa onde funciona outro programa de graduação em Educação Física.

⁶ Para preservar a identidade do professor quando foram mencionadas modalidades, disciplinas, ou tópicos tratados nos componentes curriculares essas expressões foram substituídas pelas palavras *modalidades*, *disciplinas*, *tópicos universais* respectivamente em itálico e acrescida das letras A, B, segundo a ordem na qual o informante as mencionou.

Quando se trata de avaliar se a nova proposta operou mudanças efetivas na forma de trabalhar com o esporte no curso, as idéias aparecem um tanto contraditórias. Aparentemente, não se tem produzido, até hoje, um consenso sobre se há mais ganhos ou perdas com a implementação da proposta. Podemos perceber essa dimensão nas avaliações que os professores fazem das mudanças operadas por eles na forma de tratar o conteúdo. Por exemplo, o Professor 1 assim comenta:

[...] Eu tenho uma percepção que mudou, ao nível de discussão, em nível de trabalho essas coisas, mudou, mas se tu ver no grande conjunto, muito conhecimento específico continua o mesmo. [...] As minhas provas são uma referência de como que eu trato o conteúdo. Então eu pego as primeiras provas e agora eu vejo que mudou, [...] no conhecimento específico, no tipo de abordagem. Eu consegui avançar. Então, ao tipo de prova que tu faz remete o tipo de conteúdo que tu trabalhou e o que mudou. [...] Então isso mostra que houve uma mudança, mas se tu olhar bem no que teria que ser mais discutido, essa dimensão do *tópico específico-universal*, é que nem eu falei, tu acaba centralizando dentro do foco específico da modalidade, aí tu entra para os métodos, sistemas táticos, sabe? E aí, quando tu vê vai, vai mais de 80, 60%, 70% nisso.

Já o Professor 2 comenta o seguinte em relação a suas próprias aulas

Com a *modalidade A* [disciplina] eu trabalhava só com a *modalidade A* [modalidade esportiva], hoje na *disciplina A* eu faço uma análise do processo de ensino de todos os esportes na escola, saindo do nicho que era a *modalidade A*. Já na *disciplina B*, faço uma análise de todo o entorno, mas não especificamente..., claro que trabalho com o eixo norteador da disciplina, mas faço uma análise dos elementos que permeiam a atividade esportiva e, nesse entorno, vem a questão dos pais, o papel do técnico, o que leva a uma pessoa entrar e permanecer na prática esportiva, as etapas de formação e desenvolvimento [lista os conteúdos da disciplina] Em outros momentos, esses elementos eram desconsiderados no processo, se trabalhava com a *frieza* do conteúdo, claro que tu às vezes conseguias aprofundar mais teu conteúdo, mas não produzias uma reflexão com o aluno[...].

Mais especificamente em relação a esse assunto e quando indagado com a pergunta *O que efetivamente mudou com esse novo currículo por parte dos professores?* o Professor 2 argumenta:

[...] Basicamente passei a ver o esporte e os processos de ensino numa outra perspectiva. Eu passei a entender e buscar um referencial, de ver o esporte não só na perspectiva da habilidade do praticante, e sim ver o esporte como um processo de reflexão e, como, a partir dessa reflexão, o aluno possa viver melhor [...]. Claro que não deixo o modelo de rendimento, mas não utilizo só ele como norte.

Quando se analisam as declarações dos acadêmicos, é fundamental lembrar que, diferente dos professores, eles têm uma experiência que permite uma visão do conjunto das disciplinas que compõem o campo de estudo do esporte. Assim, para os acadêmicos a resposta à pergunta *Alguma coisa mudou?* seria: “Olha... uma parte dos professores mudou, outra não”.

Fica claro que não podemos analisar o desenho curricular como um mecanismo com vida própria, que funciona de tal ou qual modo independente de seus agentes, particularmente dos docentes responsáveis. Nesta linha, como esperado, os estudantes percebem desenvolvimentos e engajamentos diferentes dos professores com o projeto. O Acadêmico 2⁷ comenta, em relação a um professor em particular, relatando que tinha assistido a aulas da disciplina recentemente, porém que ele tinha cursado a mesma alguns anos atrás:

⁷ Cursava o 6º semestre, tinha 10 disciplinas concluídas na área de estudo do esporte, uma parte no currículo de 1992 e outra no de 2001.

[...] avaliando as minhas aulas no velho. Da *modalidade* que eu tive, por exemplo, para agora, ele mudou assim, a metodologia [Entrevistador: como assim?] Eu não sei, eu acho que teve mais embasamento [...], até do próprio modelo da aula, [...] o nosso, por exemplo, era voltado mais pra uma aula prática [...] do que teórica. E agora, por exemplo, vejo [...] que a teoria entra bastante.

Em termos gerais, o Acadêmico 2 encontra vantagens no currículo novo quando comparado ao anterior, ele explica:

Eu acho que [a nova proposta] teve bem mais contribuição naquilo que nós falávamos, o referencial teórico é maior, sabe? A própria questão do jogo [...]. Eu, por exemplo, tive que pensar mais, não é só passar a aula, mas pensar até em nível de metodologia de trabalho e de avaliação das aulas. [Mas...] como eu disse que faz tempo que eu tive as disciplinas do currículo velho, assim, são minhas lembranças. E daí assim eu acredito que alguma coisa também tinha lá, só que não te dava essa sustentação que te dá agora. Por exemplo, agora, com o currículo novo, se consegue transferir bastante coisa [da *modalidade*] pros outros esportes. Eu ocupo bastante coisa assim em relação ao pensar do aluno, que foi trabalhado na *modalidade* A, nas duas *modalidades* A que eu consigo transferir pra *modalidade* B no caso que é se aplica na *modalidade* C.

Por outro lado, no final da conversa aparece mais clara a idéia que essas mudanças não são homogêneas em todos os professores, o que criaria certa apatia em relação a algumas delas. Acadêmico 2:

Se avaliar o currículo novo? É um currículo bom. Mas aquilo que eu estou te dizendo, é bom porque [em] algumas disciplinas houve a mudança. Houve [...] tu consegue ver que aquilo melhorou [...] melhorou a partir da prática que tu estas desencadeando, porque tu estás fazendo. Tu pega ali e leva pra lá [para as aulas em que o acadêmico é professor]. Mas, em outras disciplinas não.

O Acadêmico 3⁸ é mais enfático em relação a identificar nos professores as molas propulsoras (ou não) das mudanças, independente da proposta curricular:

[...] Eu vejo muito que as disciplinas, tanto [...] no currículo antigo como no novo, tudo passa pelo professor. Eu não vejo essa diferença. Porque assim: muitas disciplinas, por exemplo, que eu cursei tanto no currículo antigo como nesse, no novo, sinceridade, não tem diferença.

Porém, no transcurso da entrevista, o Acadêmico 3 entra em contradição na avaliação ao responder se as mudanças implementadas pela nova proposta provocaram impacto no desenvolvimento das disciplinas, pois afirma:

Eu acredito assim, que teve alguns professores que mudaram totalmente sua forma de dar a disciplina. Por exemplo, em algumas disciplinas o professor tinha uma visão. E dá pra perceber que ele evoluiu. E hoje ele tem uma idéia diferente da disciplina, e tu acabas tendo uma idéia diferente. Já em outras disciplinas, não. E eu vejo muito essa questão do conteúdo trabalhado dentro das disciplinas dos esportes, muito em função da mudança do professor.

O Acadêmico 1⁹ comenta a respeito dessa desigualdade:

Ao nível dos esportes com interação, eu diria [...] que o curso tem oferecido um suporte muito bom! Agora [em] esportes onde eu teria que [ensinar] só execução¹⁰, [...] eu teria dificuldade. [Entrevistador: por quê?] Porque, assim, eu

⁸ O aluno se encontrava no 7º semestre do curso, com 11 disciplinas cursadas no campo dos esportes.

⁹ O aluno se encontrava no 7º semestre do curso, com 10 disciplinas no campo dos esportes, todas cursadas no novo currículo.

¹⁰ Esportes com predominância de habilidades fechadas.

não tive uma aula de metodologia dos ensinamentos dos esportes sem interação [...], são 16 ou 17 aulas, 14 ou 15 são aulas práticas em que você aprende a técnica, e 2 ou 3 aulas em que você discute a técnica, mas não discute uma metodologia de ensino, uma seqüência lógica de conteúdo, uma aproximação entre um conteúdo e outro, uma classificação entre esses esportes. Fica muito vago!

O mesmo acadêmico, referindo-se a outro componente curricular, deixa claro que a dimensão universal da disciplina é praticamente ignorada pelo professor:

Não, não, na verdade nós nem tocamos nesse assunto. Porque, assim, ficamos detidos na técnica da *modalidade*, como organizar um torneio da *modalidade* e atividades para aulas da *modalidade*, então em nenhum momento foi [centrada no tópico específico-universal]. Entende? Não trabalhamos, o [tópico específico-universal], sei lá o que tem que trabalhar essa disciplina! Sinceramente, eu não sei!

O Acadêmico 1 tem uma clara compreensão da proposta de estudo dos esportes no projeto curricular de 2001. Quando avalia o desenvolvimento da mesma, consegue pontuar algumas fragilidades, como aquela em que uma disciplina centra seu ensino sobre vivências motoras. O acadêmico assim se refere a essa situação:

Se você não tem bem claro o que é uma metodologia, como você vai utilizar as atividades e as transportar para a sua aula [as atividades que se fazem nas aulas da disciplina universitária], não têm proveito nenhum. Como eu sei disso? Porque, como eu compreendi muito bem as metodologias do ensino dos esportes [como trabalhar esses esportes], eu percebi que meus colegas não conseguiram [se apropriar das formas metodológicas por trás dos exercícios]. Assim, eles pegavam a aula, as atividades, e as transportavam direto pra vida deles, entende? Repetiam a aula do professor na vida.

Ainda sobre o desenvolvimento das disciplinas centradas na prática, o Acadêmico 1 comenta:

Refletir sobre a prática, que prática? Assim, eu não era um bom atleta da *modalidade*, continuo não sendo. Eu não era um professor, não tinha condições de ser professor, continuo não tendo.

O mesmo relato aparece num segundo comentário, quando o Acadêmico 3 assim avalia: “Eu senti que na *modalidade*, o excesso da prática prejudicou”, complementando:

Porque era uma prática pela prática. Aquela questão de reproduzir o..., digamos eu não estou muito preocupado se eu vou *conseguir tal desempenho*, eu queria saber se aquela *habilidade* lá, digamos se os alunos fossem entender o porquê eu tô fazendo aquilo lá, qual é a lógica daquilo. Em cima da *habilidade*, por exemplo, eu poderia trabalhar outras questões.

Parece evidente que numa parte significativa dos componentes curriculares, o elemento universal que deveria conduzir o processo de estudo dos esportes não se coloca como centralidade do processo ou, noutros casos, é justaposto ao conteúdo da modalidade. Isto estaria afetando sensivelmente a possibilidade de o acadêmico se instrumentalizar nos elementos que constituem o processo de mediação, conseqüentemente, atingindo o cerne do projeto curricular do ano 2001 nesta área.

VALE A PENA CONTINUAR APOSTANDO NESTA PROPOSTA?

Um segundo ponto de reflexão é *Vale a pena continuar apostando nesta proposta?* A resposta parece apontar para um sim, mais pelo que ela ainda promete, do que por aquilo que ela já conseguiu.

Contudo, no conjunto das entrevistas, encontramos alguns argumentos sinalizadores de que a proposta curricular de 2001 já permitiu maior articulação entre as disciplinas, ponto

central quando se quer organizar esse espaço curricular como um campo de conhecimento. Referindo-se especificamente aos acadêmicos, o Professor 1 afirma:

Então eles já vêm amarrados, assim, quando eu vou falar de algum [...] método, que eu venho falar de algumas estruturas, lógica interna e externa de jogo, muito deles já vêm com isso construído [...]

Os estudantes apontaram também alguns elementos positivos, particularmente na forma metodológica de desenvolvimento de algumas disciplinas (elemento básico desta proposta). O Acadêmico 3 comenta entusiasmado em relação ao assunto:

Eu acredito que uma transformação fantástica que teve é essa questão de ir pra escola [...] Porque você tem que, essa metodologia, você tem que ir pra escola, aplicar isso é uma mudança... Eu defendo que todas as disciplinas que trabalham esporte tinham que ter isso [...], digamos, nem tanto de você praticar a disciplina em si.

Na mesma linha, o Acadêmico 3 comenta outra estratégia desenvolvida no novo currículo, o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa como forma de construir conhecimento na área:

[...] Se não fosse [essa experiência] acho que eu já tinha saído da EF. Por exemplo, a *disciplina A*, teve um trabalho sobre o *tópico específico-universal*. Em função daquele trabalho, [percebi] que eu nunca tinha me tocado pra questão da pesquisa. Eu acho que é isso que falta muito também, sabe? [o trabalho] deu aquela introdução pra pesquisa, sabe? Pra tu pesquisar. Eu acho que é um ponto forte. Tem que ser mais ressaltado. A partir daquele momento eu comecei a ver a EF com outros olhos.

QUE FAZER PARA MELHORAR?

Algumas expressões se repetem quando se fala em como qualificar a proposta: explicitação, articulação e produção. Na fala dos professores parece que o tema central para avançar passa pelo primeiro conceito: explicitação. O Professor 2 assim se manifesta a esse respeito:

Eu acho que ainda temos que clarear algumas coisas. Meu medo é que pode acontecer que mude o nome e continue da mesma forma. Pode estar acontecendo em algumas disciplinas estar repetindo conteúdos [...] De momento, acredito que estamos misturando algumas coisas, que não estão muito claras, e enxergo isso como um problema.

Já, na visão dos estudantes, a expressão-chave para qualificar a proposta seria: articulação. Fica evidente, na leitura dos acadêmicos, que alguns professores têm aproximado suas posições conceituais em relação ao ensino dos esportes, mas que outros não. Isso é destacado no relato do Acadêmico 1:

Eu não sei se os professores têm grupo de estudo. Eu acredito que se tem grupo de estudo entre os professores provavelmente é uma discussão muito grande. Porque eles entram em contradição.

Mais acentuada fica a percepção da discrepância na condução das disciplinas, no diálogo do Acadêmico 3 com o entrevistador:

[...] Os professores, principalmente em relação aos esportes, não falam a mesma língua [...] [Entrevistador: Em que sentido eles não falam a mesma língua?] [...] De conteúdo, por exemplo, a *modalidade A* e a *modalidade B* [...] não têm nem comparação, com as *modalidades C* e *D*. A distância de conteúdo, a distância de intenção como professor, intenção de trabalhar, de fazer com que o aluno entenda. Nossa! É assustadora. É gritante, sabe?, a diferença [...] é enorme. Às vezes nem parece que estás com professores da mesma faculdade. Às vezes eu

me pergunto se, nas discussões que eles têm, chegam a comentar. [...] Eu não acredito que conversam sobre a questão de conteúdos a serem trabalhados.

E completa a sua descrição, afirmando:

Por isso que eu acho que, em relação às disciplinas e aos conteúdos, eu acho que não se conversam. Às vezes eu vejo o pessoal tudo mundo reunido, os professores, e fico pensando que será, qual é o assunto que tem ali? Porque é impossível que eles devam conversar a mesma coisa, não pode. Não existe. Eu não acredito.

Entretanto, noutro momento da entrevista, aponta que a diferença, aparentemente inconciliável entre os professores que ministram as disciplinas no campo esportivo, é menor que aquilo declarado inicialmente. No conjunto das entrevistas, porém essas diferenças no tratamento das disciplinas são evidenciadas pela maioria dos acadêmicos.

A terceira palavra-chave para a melhora da proposta é: produção. Neste ponto, continuamos sustentando, que:

um limite claro para o funcionamento deste novo modelo é a produção teórica no campo do esporte. Por um lado, temos as obras da "própria área", caracterizadas pelo abundante número dos denominados "manuais" de exercícios, uma das manifestações mais concretas da pobreza intelectual na área de esporte, que reduzem o ensino do esporte a um conjunto de tarefas para "aplicar" nas aulas e reforçam fortemente a idéia simplificada de ensino dos esportes com a qual o aluno chega à universidade (GRAÇA, 2000). Por outro lado, uma vasta produção na área das Ciências Humanas e Sociais problematiza o esporte a partir de suas "ciências mães" ou disciplinas de origem, sem ter como centralidade da reflexão o processo de mediação (BRACHT, 1999) (GONZÁLEZ, 2004, p. 225)

Por essas e outras considerações, entendemos que a produção se apresenta tanto como uma necessidade, quanto como uma estratégia para superar também os outros dois problemas apontados. Uma nova forma de pensar o estudo do esporte na e para a universidade necessita e exige produção de conhecimento específico para sustentar a formação profissional nessa área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da proposta, implementada em 2001, para o estudo do esporte no curso de EF da Unijuí, com base nos depoimentos de parte de seus protagonistas, pode ser realizada enfatizando diferentes perspectivas. Tomaria duas aqui, uma pessimista e outra otimista. A primeira assinala a dificuldade admitida por uma parte dos professores de assumir e desenvolver propostas pedagógicas alternativas no curso universitário. A forma tradicional de ensinar os esportes na formação superior em EF parece bastante difícil de ser reinventada. Os professores universitários, particularmente no campo dos esportes, apresentam tantas dificuldades para mudar suas práticas como as que são relatadas noutros níveis escolares (Educação Básica). Com isso, confirmam a idéia corrente de que os docentes dessa área de conhecimento compõem um dos setores mais conservadores para realizar mudanças no processo de formação superior em EF. Essa constatação pode induzir a pensar que existe pouco espaço para mudanças significativas na forma de estudar o esporte nos programas de formação inicial.

Por outro lado, uma perspectiva otimista nos permite ver que, observando essa experiência no contexto histórico da formação superior em EF e frente às limitações apontadas nas formas tradicionais de tematizar o esporte nos programas de graduação, esta proposta mostra os primeiros efeitos positivos no processo de ensino-aprendizagem-estudo do esporte, como: a) articulações entre as disciplinas, b) docentes revisando suas formas de

ensinar, e c) acadêmicos problematizando os conteúdos ministrados nas aulas. Ou seja, se percebe um movimento claro na direção que desejamos impulsionar no campo do estudo dos esportes na universidade. Esses indícios permitem prever que, muito provavelmente, num futuro próximo, a médio prazo, a proposta poderá ter resultados significativos na formação dos profissionais de EF na Unijuí.

Possivelmente, o conveniente, neste caso, seja radicalizar na implantação do projeto, tentando chegar aos limites que todo projeto apresenta, antes de abandonar sua implementação. Os desafios estão postos. Agora, resta a seus protagonistas decidir o que fazer com eles.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. São Paulo: Papirus, 1998.

DAOLIO, J. Fenômeno social esporte na formação profissional em Educação Física, *in: Revista da Educação Física/UEM* 9 (1) p. 11-115, 1998.

FERREIRA, M. G. Metodologia de ensino do basquetebol no curso de formação de professores de Educação Física: Um relato de experiência. *In: Pensar a prática* (1) p. 107-124, 1998.

GONZÁLEZ, F. J. O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 213-229, 2004.

GONZÁLEZ, F. J. O estudo do esporte na formação superior em educação física. *In: III Seminário de Análise do Fenômeno Esportivo (Anais)*, 2005, Chapecó. Chapecó: Unochapecó, 2005. v. 1, p. 39-55.

MOLINA NETO, V. Uma experiência de ensino do futebol no currículo de licenciatura em Educação Física. *Revista Movimento*. Porto Alegre, ano 2, n. 2, 1995 p.29-37.

OLIVEIRA, A. A. B. de. Análise crítica do currículo das disciplinas do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. *In: Kinesis*. v.5, n.2, p. 229-257, 1989.

PIRES, G. ; NEVES, A. O trato com o conhecimento do esporte na formação em Educação Física: possibilidades para sua transformação didática. *In: KUNZ, E. Didática da Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2002.

PIROLO, A. L. A disciplina de voleibol nos cursos de licenciatura em Educação Física do Paraná: Processo de conhecimento crítico-reflexivo? *In: COSTA, V. L. M Formação profissional universitária em Educação Física*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997.

Curso de Educação Física

Unijuí

São Francisco 501

Ijuí –RS

Cep: 98700-000

fjg@unijui.edu.br